

## O CONCEITO DE DESINFORMAÇÃO NOS ESTUDOS DE JORNALISMO BRASILEIROS SOBRE A COVID-19

*The concept of disinformation in Brazilian journalism studies on Covid-19*

*El concepto de desinformación en los estudios periodísticos brasileños sobre Covid-19*

Marcelo Träsel<sup>1</sup>  
Giulia Reis Vinciprova<sup>2</sup>

DOI: [doi.org/10.31501/esf.v1i29.14899](https://doi.org/10.31501/esf.v1i29.14899)

**Resumo:** O artigo propõe um recenseamento das fontes usadas por estudiosos brasileiros do jornalismo, para definir o conceito e termos afins no contexto da pandemia de Covid-19, a partir de uma revisão bibliográfica sistemática. A análise do corpus revelou que um número reduzido de autores concentra a maioria das citações. Os temas abordados apontam para um aprofundamento dos debates sobre a relação entre a credibilidade do jornalismo e a realidade que ele pretende reportar.

**Palavras-chave:** Coronavírus; Revisão Bibliográfica; Infodemia; Fake News; Fact-Checking.

**Abstract:** The article proposes a census of the sources used by Brazilian journalism scholars to define the concept and related terms in the context of the Covid-19 pandemic, based on a systematic bibliographic review. Analysing the corpus revealed that a small number of authors concentrate most of the citations. The topics covered suggest a deepening of the debate on the relationship between the credibility of journalism and the reality it aims to report.

**Keywords:** Coronavirus; Literature Review; Infodemic; Fake News; Fact-Checking

**Resumen:** El artículo propone un censo de las fuentes utilizadas por los estudiosos del periodismo brasileño para definir el concepto en el contexto de la pandemia del Covid-19, a partir de una revisión bibliográfica sistemática. El análisis del corpus reveló que un pequeño número de autores concentra la mayor parte de las citaciones. Los temas abordados apuntan a una profundización del debate sobre la relación entre la credibilidad del periodismo y la realidad que pretende informar.

**Palabras-clave:** Coronavirus; Revisión bibliográfica; Infodemia; Fake News; Fact-Checking

---

<sup>1</sup> Doutor, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. [marcelo.trasel@ufrgs.br](mailto:marcelo.trasel@ufrgs.br) | <https://0000-0001-9030-1533>

<sup>2</sup> Mestranda; Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil. [giulia.reis.v@gmail.com](mailto:giulia.reis.v@gmail.com) | <https://0000-0003-1653-9257>

Artigo submetido em: novembro/2023. Aprovado em: março/2024

Esferas, ano 14, vol. 1, nº 29, janeiro-abril de 2024 | ISSN 2446-6190

Revista Esferas tem seu conteúdo sob uma [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



A pandemia de Covid-19, doença causada pelo vírus SARS-CoV-2, surpreendeu o mundo no início de 2020, quando houve um primeiro surto na cidade chinesa de Wuhan. O vírus se espalhou rapidamente por todos os continentes e atingiu o Brasil a partir do mês de março daquele ano, causando até o final de novembro de 2023 mais de 700 mil óbitos (Saúde, 2022). Em maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou o fim da pandemia, mas a doença seguiu se espalhando, embora com menor velocidade. Neste contexto, o acesso à informação correta a respeito dos sintomas da Covid-19, sobre medidas de higiene pessoal e políticas públicas de combate à pandemia foi, literalmente, questão de vida ou morte (Ajzenman et al., 2020).

Nos mais de três anos de duração da pandemia, a difusão de boatos, notícias falsificadas e outros tipos de desinformação nas redes sociais e na World Wide Web andou no mesmo passo do vírus, sobretudo no Brasil, onde o presidente Jair Bolsonaro adotou uma postura negacionista frente ao consenso científico e ignorou as orientações das autoridades sanitárias e órgãos como a Organização Mundial da Saúde. O clima de polarização política fomentou a desinformação, em consonância com situações do passado identificadas pela pesquisa sociológica (Flynn et al., 2017), sobretudo no ciberespaço, onde as comunicações tendem a se mostrar mais aceleradas do que nas interações presenciais ou através da mídia de massa.

O fenômeno não passou despercebido para pesquisadoras e pesquisadores brasileiros como Recuero e Soares (2020), focados na circulação de desinformação no Twitter; Sousa Júnior et al. (2020), que abordaram tanto redes sociais como pesquisas em mecanismos de busca; Moreno et al. (2020), também voltados às redes sociais e mecanismos de busca; ou Gehrke e Benetti (2021), que

analisaram o discurso dos principais atores políticos responsáveis por desinformação a respeito da pandemia. Investigações iniciais apontam para consequências nefastas da desinformação sobre o SARS-CoV-2. Um estudo de Castilho et al. (2022), por exemplo, demonstrou uma correlação significativa entre o voto em Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 e índices mais altos de infecção pelo SARS-CoV-2 em municípios brasileiros, sugerindo que o discurso do presidente e políticos aliados pode ter levado cidadãos alinhados a seus valores a desenvolverem crenças equivocadas sobre métodos de prevenção da doença.

No limite, a desinformação coloca em risco a própria democracia, uma vez que pode ser instrumentalizada por movimentos políticos de todas as cores para minar a credibilidade de eleições e instituições, abrindo caminho para golpes de Estado e outras aventuras autoritárias, como se verificou no ataque ao Capitólio durante a confirmação dos resultados das eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2021 e nos ataques de 8 de janeiro de 2023 ao Supremo Tribunal Federal (STF), ao Congresso Nacional e ao Planalto, no Brasil, cujo ponto em comum foi o questionamento dos resultados de eleições presidenciais. Assim, compreender o fenômeno da desinformação é uma das contribuições mais relevantes que a área da Comunicação pode prestar à sociedade no atual contexto.

No intuito de contribuir com esse esforço, este artigo propõe um recenseamento de quais fontes foram usadas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros da área da Comunicação para definir o conceito de desinformação e termos afins no contexto da pandemia de Covid-19, a partir de uma revisão bibliográfica sistemática (Galvão & Ricarte, 2020).

### **Fundamentação Teórica**

A desinformação emergiu como uma das principais preocupações da esfera pública global e, em particular, da brasileira nos últimos anos. Representantes dos três poderes da República, da mídia e da sociedade civil vêm se manifestando sobre os efeitos perniciosos das “notícias falsas” circulantes, em especial, em redes sociais como Facebook, Twitter e WhatsApp. Há consenso social de que o fenômeno precisa ser combatido ou neutralizado, uma vez que os vários tipos de desinformação podem levar os cidadãos a equívocos, ou seja, a desenvolver “crenças factuais que são falsas ou contradizem as melhores evidências disponíveis no domínio público” (Flynn et al., 2017, p.128).

O termo fake news foi usado pela primeira vez em outubro de 2014 pelo jornalista Craig Silverman, quando este se defrontou com o relato inverídico de que uma cidade inteira no Texas estaria em quarentena depois de uma família contrair ebola. A expressão, no entanto, foi desvirtuada por Donald Trump e seus aliados nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016, quando seus apoiadores passaram a classificar como notícias falsas qualquer informação, verdadeira ou falsa, que os desagradasse. A resignificação do termo obteve sucesso, a ponto de o próprio Silverman (2018) recomendar o seu abandono. Na campanha à presidência do Brasil em 2018, Jair Bolsonaro adotou expediente semelhante. Por isso, pesquisadores como Wardle e Derakhshan (2017) recomendam não utilizar a expressão fake news para se referir ao problema da desinformação de maneira geral.

Southwell et al. (2018) diferenciam dois tipos de inverdade: disinformation e misinformation. A partir de Habermas, para quem informação é uma afirmação, dado ou fato sobre cuja veracidade há

consenso social, os autores definem misinformation como informação cuja veracidade está em disputa<sup>3</sup>. “Vamos encarar a cacoinformação como afirmações às quais as audiências de massa são expostas que não desfrutam de consenso universal ou próximo do universal num momento particular do tempo”, definem os autores (Southwell et al., 2018, Introduction). Disinformation, ou desinformação, é uma subcategoria da cacoinformação, caracterizada pela má fé de seus produtores ou divulgadores. As fake news, por serem uma falsificação, se enquadrariam no conceito de desinformação. Por contraste, uma notícia errada, mas produzida conforme os métodos jornalísticos profissionais, seria apenas misinformation.

Wardle (2017) distingue sete diferentes tipos de mis- ou desinformação, os quais formam uma escala de gravidade a partir da intenção de seus produtores ou divulgadores. A autora apresenta, além disso, oito motivações possíveis para a produção de mis- ou desinformação: incompetência jornalística, paródia, provocação, paixão, partidarismo, lucro, influência política ou propaganda. O conteúdo impostor – um perfil em rede social usando o nome de uma pessoa, por exemplo – pode ser criado com a intenção de parodiar uma celebridade, de provocar uma pessoa ou grupo, de lucrar com anúncios, ou pode ter como objetivo propagandear uma ideia, enquanto a incompetência jornalística pode gerar falsos contextos, como a divulgação de uma foto verdadeira, mas antiga, de uma erupção vulcânica, quando o mesmo vulcão volta à atividade.

Uma revisão bibliográfica do uso do termo “fake news” em estudos científicos, conduzida por Tandoc et al. (2018), resultou numa tipologia bastante próxima da oferecida por Wardle, o que sugere o

---

<sup>3</sup> Não há tradução para misinformation em português, então o termo será mantido em inglês. O prefixo “mis-” será usado para se referir de maneira abreviada à palavra inglesa.

início da formação de um consenso sobre como o fenômeno se manifesta. Os autores não apresentam uma definição própria de “notícia falsa”, mas oferecem um mapa da operacionalização do termo por estudos anteriores e identificam um padrão relevante:

O que é comum a todas essas definições é o modo como as notícias falsas se apropriam do visual e da sensação das notícias reais; de como os websites se parecem; até como as matérias são escritas; a como as fotos são acompanhadas de créditos. As notícias falsas se escondem sob um verniz de legitimidade, pois tomam alguma forma de credibilidade ao tentarem se parecer com notícias reais. Ademais, para além da simples aparência de uma peça jornalística, através do uso de robôs noticiosos, as notícias falsas imitam a onipresença do noticiário, pela construção de uma rede de websites falsos. (Tandoc et al., 2018, p.7).

A imitação de notícias legítimas parece ser o ponto em comum na definição do termo. Um artigo assinado por 16 pesquisadores (Lazer et al., 2018, p.1094) conceitua “notícias falsas” como informação falsificada que imita os formatos noticiosos, mas não observa os mesmos processos editoriais ou condutas deontológicas e visa enganar o leitor. Outro ponto comum na definição de desinformação e, por consequência, notícias falsas, é a intencionalidade, ou seja, a má fé envolvida na produção e difusão desse tipo de conteúdo.

A partir da análise dos tipos específicos mis-, desinformação e “malinformação” (a instrumentalização de informação verdadeira para causar dano a uma pessoa, organização ou instituição), Wardle e Derakhshan (2017) propõem que o mundo se encontra em uma situação de “desordem informacional” sem precedentes:

Embora o impacto histórico dos rumores e do conteúdo forjado já tenha sido bem documentado, argumentamos que a tecnologia social contemporânea implica estarmos testemunhando algo novo: poluição da informação em escala global; uma complexa teia de motivações para criar, disseminar e

consumir essas mensagens 'poluídas'; uma miríade de tipos de conteúdo e técnicas para disseminá-los; inúmeras plataformas que hospedam e reproduzem esse conteúdo; e velocidades vertiginosas de comunicação entre pares que confiam uns nos outros. (Wardle & Derakhshan, 2017, p. 4).

Uma expressão alternativa para desordem informacional, infodemia, é incomum na mídia e no debate acadêmico da área da Comunicação. A Organização Mundial da Saúde, no entanto, dedica um departamento ao estudo e gerenciamento de infodemias, uma área de pesquisa relativamente recente:

A epidemiologia da informação, ou infodemiologia, identifica áreas onde existe uma lacuna na tradução de conhecimento entre as melhores evidências (o que alguns especialistas sabem) e a prática (o que a maioria das pessoas faz ou acredita), bem como marcadores para informações de "alta qualidade". (Eysenbach, 2002, p. 763).

Talvez devido ao contexto de origem, o termo parece ser usado sobretudo por profissionais e pesquisadores da área da saúde<sup>4</sup>. Ferreira et al. (2021) atribuem à pandemia de SARS-CoV-2 a circulação da expressão na imprensa brasileira, a partir de 2020.

As preocupações da sociedade com a desordem informacional e com infodemias levaram ao desenvolvimento de estratégias para combater esses problemas. No jornalismo, a principal resposta foi o desenvolvimento da checagem de fatos, ou fact-checking. Embora a checagem seja uma etapa fundamental do processo de produção das notícias, ela tradicionalmente era realizada antes da publicação, de modo que os leitores não tinham acesso às correções (Graves, 2013), mas nas últimas décadas se tornou um produto jornalístico cuja função é justamente chamar a atenção para o erro, equívoco ou distorção, sobretudo quando se transformam em desinformação circulante nas redes digitais.

---

<sup>4</sup> Uma busca pelo termo "infodemia" na rede SciELO retorna apenas artigos nas áreas de Saúde e Linguística em periódicos brasileiros indexados, nenhum na área da Comunicação.

Enquanto formato, o fact-checking se distingue pela aplicação de etiquetas de veracidade. Enquanto prática, oferece características compatíveis com outros formatos jornalísticos, o que permite extrapolar o “jornalismo de verificação” como um tipo ideal para estudar as transformações no jornalismo de forma mais abrangente, associada a outras formas de apresentação de conteúdos. (Seibt & Fonseca, 2019, s.p.).

No Brasil, as agências de checagem de fatos se estruturaram ao longo da década de 2010, com um impulso durante as eleições de 2018, pois o abuso da desinformação pela campanha de Donald Trump à presidência dos EUA em 2016 incentivou a comunidade jornalística a se preparar para situação semelhante no Brasil e financiadores como Google, Facebook e Open Society Foundation, entre outros, disponibilizaram recursos para o setor. A partir de 2020, essas iniciativas se dedicaram em grande parte a combater a “infodemia” que acompanhou a pandemia de Covid-19.

Para entender como pesquisadores brasileiros da área do Jornalismo compreendem os conceitos discutidos acima, consideramos relevante estudar quais autores foram mobilizados em teses, dissertações e artigos cujo objeto fosse a desinformação durante a pandemia de Covid-19. A escolha pelo período se deu porque a difusão do coronavírus foi acompanhada de uma infodemia, que atçou o interesse da academia pela questão da desordem informacional. Em um estudo de metodologia semelhante à deste, mas com recorte diferente, Medeiros e Ferreira (2021) listaram 22 artigos sobre desinformação apresentados nos mesmos congressos no ano de 2020, 13 dos quais, conforme nosso levantamento, relacionavam o assunto com a pandemia.

### **Procedimentos metodológicos**

A fim de compreender o impacto da pandemia de SARS-CoV-2 nas temáticas e autores mobilizados nas produções acadêmicas acerca da desinformação, foi realizada uma revisão



bibliográfica sistemática (Galvão & Ricarte, 2020), através da busca de teses, dissertações, artigos publicados em anais de eventos e artigos publicados em periódicos que abordam o tensionamento temático.

A escolha das palavras-chave se deu a partir de revisão bibliográfica que sugeriu os termos mais prováveis de serem usados por pesquisadores escrevendo em português: “desinformação”, “infodemia”, “fake news”, “fact-checking” e “desordem informacional”. Em função da pandemia de SARS-CoV-2 ter se iniciado no final de 2019, apenas as referências publicadas entre 2020 e 2023 foram consideradas. Também foi levada em conta a área de pesquisa dos trabalhos encontrados, que deveriam se circunscrever às Ciências Sociais Aplicadas, da qual o Jornalismo faz parte. A partir dos resultados de busca iniciais, os trabalhos que continham o termo “Covid”, “coronavírus” “pandemia”, “SARS-CoV-2” e suas variações no resumo, índice ou objeto de pesquisa foram coletados.

A busca por teses e dissertações foi realizada diretamente no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, que contém informações qualitativas sobre todas as teses e dissertações defendidas no Brasil desde 2013. A busca resultou em 19 registros: três teses e 16 dissertações. Já os artigos publicados em anais de eventos foram encontrados nos sites próprios dos três eventos com maior relevância científica para a área: nos Grupos de Pesquisa sobre Jornalismo (GP Gêneros Jornalísticos, GP História do Jornalismo, GP Jornalismo Impresso, GP Teorias do Jornalismo e GP Telejornalismo) do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), no GT Estudos de Jornalismo do encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em

todas as mesas do Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR). A coleta em anais de eventos resultou em 25 artigos: 17 do Intercom Nacional, um da COMPÓS e 12 do SBPJOR.

Quanto aos artigos publicados em periódicos, estratégias diferentes foram testadas para se tentar encontrar aqueles pertinentes ao recorte do estudo, isto é, cujo tema era a desinformação relacionada à pandemia de Covid-19 do ponto de vista do jornalismo. O Google Acadêmico retornou 282 referências na busca em títulos de artigos com o termo “Covid” vinculado às expressões delimitadoras da pesquisa e 235 quando o termo principal era “pandemia”. Embora pudesse haver sobreposição entre ambos os grupos, seria necessário analisar centenas de artigos para filtrar aqueles cujo ponto de vista era o do jornalismo, uma tarefa dificultada pelo fato de que o indexador do Google não permite exportação dos resultados.

A alternativa encontrada foi uma busca por artigos publicados em periódicos brasileiros indexados na rede SciELO, que oferece melhores ferramentas de filtragem e permitiu consultar referências apenas da área de Ciências Sociais Aplicadas, da qual a Comunicação é uma subárea. Os parâmetros usados para a busca foram “(desinformação) OR (infodemia) OR (fake news) OR (fact-checking) OR (desordem informacional)”. No total, foram encontrados 68 artigos com os termos delimitadores usados neste estudo, dos quais cinco se mostraram pertinentes para análise.

Após a coleta e verificação dos dados das referências levantadas, seis foram desconsideradas por falta de dados (divulgação do trabalho completo não autorizada, falta de referências teórico-científicas sobre a temática desinformação, ou erros de indexação). Trabalhamos, assim, com um corpus de 50 itens cujas citações em capítulos teóricos sobre desinformação foram mensuradas.

## Resultados

O banco de dados inicial, elaborado no aplicativo Planilhas do Google, conta com 548 citações. Cada autor, fosse o texto individual ou colaborativo, foi considerado somente uma vez por texto, mas era contabilizado novamente se assinasse mais de uma referência. Dessa forma, conseguimos mensurar quantos e quais autores foram mobilizados em cada texto e, a partir disso, cruzar os dados entre os diferentes itens para encontrar uma lista única de autores citados. Ao final do procedimento de análise das citações, encontramos uma lista de 379 autores, contando com trabalhos colaborativos e individuais. Os números sugerem uma concentração de citações em um grupo reduzido de pesquisadores e, em função do grande volume de autores encontrados, aplicamos um filtro para encontrar frequências significativas. A média de citações foi 1,4 e o desvio-padrão também 1,4, de modo que foi considerado significativo o número de três ou mais citações, ou cerca de um desvio-padrão acima da média. A Tabela 1 apresenta os textos referenciados mais de três vezes, o país de origem dos autores e o número de trabalhos científicos nos quais cada um foi citado. Apenas um dos pesquisadores mais citados incluiu uma autocitação.

TABELA 1  
Número de citações por autor, em ordem alfabética

Nome do autor	Origem	$\geq 3$ ocorrências
Allcott e Gentzkow	EUA	7
Becker e Góes	Brasil	4

Bucci	Brasil	6
Canavilhas	Portugal	3
Castells	Espanha	4
Castro	Brasil	3
D'ancona	Reino Unido	7
Darnton	EUA	3
Dunker	Brasil	4
Fallis	EUA	4
Franciscato	Brasil	3
Gelfert	Alemanha	4
Gomes e Dourado	Brasil	5
Kakutani	EUA	8
Lazer et al.	EUA	3
Machado	Brasil	3
Morozov	Bielorússia	6
Ortellado	Brasil	4
Paganotti	Brasil	3 (1 autocitação)
Pariser	EUA	3

Porcello	Brasil	3
Posetti	Austrália	6 (com coautores diversos)
Recuero	Brasil	6
Ribeiro	Brasil	3
Rodriguez	Espanha	4
Salaverria	Espanha	3
Santaella	Brasil	8
Soares	Brasil	2
Sodré	Brasil	4
Tandoc, Lim e Ling	Filipinas, Singapura, EUA	7
Traquina	Portugal	5
Van Dijk	Holanda	3
Volkoff	França	3
Wardle	EUA	12
Wardle e Derakhshan	EUA, Irã	16
<b>TOTAL: 35 autores</b>		<b>TOTAL: 172 citações</b>

FONTE – Elaborado pelos autores (2024)

Verificou-se uma disparidade significativa na frequência de citação entre autores, uma vez que 35 nomes são responsáveis por 172 citações. Os 35 autores com mais de três citações representam apenas 10% dos 379 autores gerais contabilizados. A disparidade é percebida quando esses 35 autores são responsáveis por 172 das 548 citações totais, o que representa 31% das menções. Em termos gerais, 10% dos autores são responsáveis por um terço das citações, demonstrando uma concentração das fontes mobilizadas pelos pesquisadores brasileiros.

Além da representatividade numérica, também percebemos que os autores com maior número de citações publicaram suas pesquisas em língua inglesa (Wardle, Derakhshan; Allcott e Gentzkow; Kakutani e Tandoc, Lim e Ling), sendo duas delas vinculadas aos Estados Unidos e uma a Singapura. Além de permitir mais uma vez constatar que hoje em dia pesquisadores falantes de outras línguas nativas se veem compelidos a publicar seus textos em inglês, o dado sugere uma forte influência anglo-saxã nas definições e perspectivas sobre a desinformação.

A aparição de autores como Eugênio Bucci, Lucia Santaella, Elias Machado, João Canavilhas, Manuel Castells, Eli Pariser, Raquel Recuero, Ramón Salaverría, Carlos Eduardo Franciscato, Flávio Porcello e Nelson Traquina na lista de mais citados indica diálogos com autores de assuntos correlatos, seja ainda dentro do jornalismo, seja no território das mídias digitais ou da semiótica. Verificou-se que 42,85% da lista de autores mais mobilizados são brasileiros, solidificando o impacto da produção acadêmica nacional recente no desenvolvimento dos estudos sobre desinformação no campo jornalístico brasileiro.

Claire Wardle se destaca, sendo citada em 38% dos trabalhos (19 dos 50), tanto individualmente quanto em colaboração com Hossein Derakhshan, com quem escreveu um relatório produzido em 2017, no qual se propuseram a compreender a desordem informacional e outros conceitos relacionados (como filtros-bolha e câmaras de eco). Wardle também é referência por suas produções individuais, sendo mencionada sozinha em 12 textos, com publicações dos anos 2017, 2018 e 2020. Contabilizando as citações individuais e colaborativas da autora, ela é responsável por 5,1% do total das citações. A porcentagem parece pequena, mas se torna significativa quando se considera que 378 autores são responsáveis pelos outros 95%.

Outros três autores aparecem com mais de sete citações cada um: Hunt Allcott e Matthew Gentzkow; Michiko Kukutani; e Edson Tandoc Jr, Zheng Wei Lim e Richard Ling. Allcott e Gentzkow são professores de economia e recebem menções por artigo publicado no *Journal of Economic Perspectives*, sobre a influência das redes sociais e das fake news na eleição norte-americana de 2016. Apesar de não serem teóricos do jornalismo, discutem o impacto da produção noticiosa por perspectivas econômicas e políticas. Kakutani, repórter no *The Washington Post*, na *Time* e no *New York Times*, é citada frequentemente com o livro *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump* (2018), misto de reportagem e ensaio. As mudanças políticas, concretizadas pela ascensão da extrema-direita e pela eleição de Donald Trump em 2016, adicionaram uma camada tangível ao assunto da desinformação. A partir disso, ele é percebido como um tema com implicações práticas e impacto global, capaz de impactar de forma massiva comportamentos mundiais. A mesma lógica pode ser estabelecida quando estudamos as consequências letais das fake news e da desordem informacional acerca da pandemia de SARS-Cov-2 para a saúde pública.

A Tabela 2 apresenta uma lista das palavras-chave mais frequentes nos 50 trabalhos coletados, para além das palavras-chave usadas na delimitação da busca, como "infodemia", "desinformação", "fake news", e "fact-checking". Os termos "pandemia" e "coronavírus/Covid-19" (que foram agrupados), já aparecem nas palavras-chave dos trabalhos, indicando a presença da pandemia como objeto direto de estudo, não somente uma citação em razão de contexto de análise ou interpolação de conteúdo por meio de outros objetos. O mesmo acontece com "bolsonarismo" e "Jair Bolsonaro" (também agrupados), como palavras-chave, demonstrando que seu governo era vinculado por pesquisadores brasileiros à desinformação no contexto da pandemia e reforçando a influência da política em situações de infodemia.

TABELA 2  
Número de aparições de palavras-chave, em ordem alfabética

Palavra-chave	>3 aparições
bolsonarismo	5
comunicação	4
coronavírus	22
credibilidade	4
desinformação	22
fact-checking	9
fake news	12
jornalismo	17



mídia	3
pandemia	14
plataformas	3
pós-verdade	3
robô	4
telejornalismo	8
Twitter	4
<b>TOTAL: 15 palavras</b>	<b>TOTAL: 134</b>

FONTES – Elaborado pelos autores (2024)

Os termos “telejornalismo” e “mídia” se encontram entre os mais frequentes, indicando um grande interesse sobre os impactos da desordem informacional na televisão. Em oposição, notamos a ausência de estudos atuais sobre desinformação na perspectiva do radiojornalismo, do jornalismo impresso e do fotojornalismo. A alta frequência do termo “plataformas” sugere uma preocupação com o papel dos serviços de busca e redes sociais na infodemia, enquanto as menções a “Twitter” se devem ao fato de esta rede social ser usada como objeto em muitas pesquisas, devido à maior facilidade que oferece para a coleta de dados, quando comparada a Facebook, Instagram, TikTok e outras. Já o termo “robô” aponta para um interesse em compreender a automatização como fator para disseminação de crenças equivocadas sobre a pandemia de Covid-19.

### **Considerações finais**

O impacto do cenário político mundial na produção acadêmica sobre a desinformação se focou em questões de saúde pública com o aparecimento da pandemia de Covid-19. No intuito de compreender quais autores vinham sendo mobilizados por pesquisadores brasileiros, se criou um corpus de teses, dissertações, artigos e trabalhos apresentados em eventos que estabeleceram relações entre desinformação, jornalismo e o SARS-CoV-2. Embora no presente artigo, por restrições de espaço, não tenha sido possível realizar uma análise qualitativa da aplicação e da compreensão dos conceitos relacionados ao fenômeno da desinformação nos estudos brasileiros em jornalismo, a questão merece ser abordada em pesquisa futura.

Quanto às fontes, percebemos uma forte influência de Wardle (2017); Tandoc, Lim e Ling (2018); e Alcott e Gentzkow (2017) nestas produções. Com a frequência alta na repetição de alguns autores, inclusive nas referências bibliográficas deste artigo, há indícios de um sistema de retroalimentação de conceitos e trabalhos específicos, como o exemplo de Alcott e Gentzkow, que aparecem com alta frequência e sempre citados em função de um mesmo artigo escrito em 2017. Embora os autores mais citados sejam estadunidenses, há 15 pesquisadoras e pesquisadores brasileiros no grupo de 35 mais referenciados (Tabela 1). Destacam-se, entre os que pesquisam especificamente desinformação, Raquel Recuero e Pablo Ortellado.

Em geral, o fenômeno da desinformação é tratado como típico das redes digitais, com poucos estudos mobilizando com alta frequência autores que tratam especificamente de jornalismo impresso ou radiojornalismo, por exemplo. A exceção é o telejornalismo, representado por Porcello entre os

pesquisadores com alto número de citações. Canavilhas, Franciscato, Machado e Salaverria são acionados para tratar do jornalismo digital, enquanto Bucci, Sodr e e Traquina recebem men oes como teóricos do jornalismo e da média.

Os resultados apontam para a necessidade de uma amplia o da discussão sobre a desinforma o e conceitos relacionados por parte de pesquisadores brasileiros, de modo que nos próximos anos se possa encontrar mais nomes nacionais nas fundamenta es teóricas de trabalhos sobre o tema. Ao mesmo tempo,   necessário ampliar a variedade de autores estrangeiros empregados em nossas pesquisas, pois o debate sobre o conceito de desinforma o em outras línguas - e mesmo em português - já avançou para além dos trabalhos de Allcott, Wardle, Tandoc e seus colaboradores, ganhando maior profundidade e complexidade em anos recentes.

## Referências

Ajzenman, N., Cavalcanti, T., & Da Mata, D. (2020). More Than Words: Leaders' Speech and Risky Behavior during a Pandemic. *SSRN Electronic Journal*. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3582908>

Allcott, H., & Gentzkow, M. (2017). Social Media and Fake News in the 2016 Election. *Journal of Economic Perspectives*, 31(2), 211–236. <https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>

Castilho, M., Pero, V., Razafindrakoto, M., Roubaud, F., & Saboia, J. (2022). *Denialism, Politics and the Covid-19 Pandemic in Brazil: An Empirical Analysis on Observational Data*. UMR LEDa. <https://dial.ird.fr/wp-content/uploads/2021/11/DOCUMENT-TRAVAIL-2022-03.pdf>

Eysenbach, G. (2002). Infodemiology: the epidemiology of (mis)information. *The American Journal of Medicine*, 113(9), 763–765. [https://doi.org/10.1016/s0002-9343\(02\)01473-0](https://doi.org/10.1016/s0002-9343(02)01473-0)

Ferreira, J. R. S., Lima, P. R. S., & Souza, E. D. de. (2020). Desinformação, infodemia e caos social: impactos negativos das fake news no cenário da COVID-19. *Em Questão*, 27(1), 30–53. <https://doi.org/10.19132/1808-5245271.30-53>

Flynn, D. J., Nyhan, B., & Reifler, J. (2017). The Nature and Origins of Misperceptions: Understanding False and Unsupported Beliefs about Politics. *Political Psychology*, 38(S1), 127–150. <https://doi.org/10.1111/pops.12394>

Galvão, M. C. B., & Ricarte, I. L. M. (2019). REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA: CONCEITUAÇÃO, PRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO. *Logeion: Filosofia da Informação*, 6(1), 57–73. <https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>

Gehrke, M., & Benetti, M. (2021). A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: *Fronteiras - Estudos Midiáticos*, 23(2). <https://doi.org/10.4013/fem.2021.232.02>

Graves, L. (2013). *Deciding What's True: Fact-Checking Journalism and the New Ecology of News*. [Tese de Doutorado, Universidade de Columbia]. Academic Commons. <https://academiccommons.columbia.edu/doi/10.7916/D8XG9Z7C>

Kakutani, M. (2018). *A morte da verdade*. Editora Intrínseca.

Lazer, D. M. J., Baum, M. A., Benkler, Y., Berinsky, A. J., Greenhill, K. M., Menczer, F., Metzger, M. J., Nyhan, B., Pennycook, G., Rothschild, D., Schudson, M., Sloman, S. A., Sunstein, C. R., Thorson, E. A., Watts, D. J., & Zittrain, J. L. (2018). The Science of Fake News. *Science*, 359(6380), 1094–1096. <https://doi.org/10.1126/science.aao2998>

- Medeiros, K. B.; & Ferreira, V. P. (2021). *Jornalismo e desinformação: Uma revisão sistemática sobre a interface entre os temas nos anais do Intercom, SBPJor e Compós entre 2015 e 2020*. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, Brasília, DF, Brasil.
- Recuero, R., & Felipe Bonow Soares. (2020). O discurso desinformativo sobre a cura do COVID-19 no Twitter: Estudo de caso. *SciELO (SciELO Preprints)*. <https://doi.org/10.1590/scielopreprints.84>
- Saúde. (2022). Painel Coronavírus. *Ministério da Saúde*. <https://covid.saude.gov.br>.
- Seibt, T., & Fonseca, V. P. da S. (2019). Transparência como princípio normativo do jornalismo: A prática de fact-checking no Brasil. *Comunicação Pública*, 14(27). <https://doi.org/10.4000/cp.4806>
- Silverman, C. (2018, January 12). *Eu ajudei a popularizar o termo “fake news”, mas hoje sinto calafrios ao ouvi-lo*. BuzzFeed. <https://www.buzzfeed.com/craigsilverman/historia-fake-news>
- Southwell, B.; Thorson, E.; & Sheble, L. (2018). Introduction. In Southwell, B.; Thorson, E.; & Sheble, L. (orgs.). *Misinformation and mass audiences* (pp. 1-12). University of Texas Press. <https://doi.org/10.7560/314555>
- Sousa Júnior, J. H. de, Raasch, M., Soares, J. C., & Ribeiro, L. V. H. A. de S. (2020). Da Desinformação ao Caos: uma análise das Fake News frente à pandemia do Coronavírus (COVID-19) no Brasil. *Cadernos De Prospecção*, 13(2), 331. <https://doi.org/10.9771/cp.v13i2.35978>
- Tandoc, E. C., Lim, Z. W., & Ling, R. (2018). Defining “Fake News”. *Digital Journalism*, 6(2), 137–153. <https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>
- Wardle, C. (2017, February 16). *Fake news. It's complicated*. First Draft. <https://medium.com/1st-draft/fake-news-its-complicated-d0f773766c79>
- Wardle, C., & Derakhshan, H. (2017). *Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making*. Council of Europe. <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>